

**EDITORIAL**

*PARALAXE, volume 8, número 1 (2021)*

Em novembro de 2020 foi realizado na PUCSP o VII COLÓQUIO DO GRUPO DE PESQUISA EM ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA e VI SIMPÓSIO DE ESTÉTICA da PUCSP com o tema *Corpo Social, corpo político e Imagem*. Nosso objetivo era o de pensar o significado de corpo social e corpo político e as imagens elaboradas para referirem-se a esses corpos. Dessa forma o evento congregou duas áreas de pesquisa em Filosofia colocando em pauta não só as condições nas quais é possível derivar, da percepção da realidade, uma ação política que possa nos retirar desse meio envolvente como também avaliar de que modo se dá essa relação. Já é sabido que vivemos hoje num sistema de grande profusão de imagens. O exercício a que nos propusemos trouxe uma dificuldade radical, em primeiro lugar porque ele é feito dentro desse próprio sistema, e em segundo lugar, porque a questão que se levanta é a de que não há evidências que sugiram a presença de uma condição de traduzibilidade de imagens dentro de um sistema particular de signos linguísticos. Ainda, o material da percepção já é uma interpretação de uma perspectiva dominante que organiza e dirige os sentidos, e reúne a gama de materiais para expressão. Refletir sobre o modo como tais imagens e mensagens chegam aos receptores e de como elas podem ser compreendidas e traduzidas, e então de como se pode entrar nessa relação para buscar outras formas de interpretação possível, eis a dificuldade intrínseca a esse regime.

Pensadores modernos como Rousseau, Hobbes, Spinoza e Nietzsche referem-se ao corpo em seus tratados. Para Hobbes, o corpo funciona como um mecanismo de percepção e registro dos estímulos externos. E o Leviatã é definido por ele como um corpo artificial. Em Rousseau a civilização impõe um cerceamento à liberdade do homem no estado de natureza – neste o homem segue apenas suas sensações. No Estado civil ele deve seguir as determinações de um corpo político. Spinoza questiona a noção cartesiana e mecanicista do corpo, que o reduz à extensão, e propõe buscar um atributo que que exprima uma essência eterna e infinita. Nietzsche enfatiza a importância do pensamento acerca do corpo para a compreensão do homem e das esferas de vida ligadas à ética, à política e à ciência. Por meio de Zarathustra Nietzsche fala aos desprezadores do corpo:

“nosso espírito se envergonha de fazer a vontade de vossas entranhas e, para escapar à sua vergonha, toma caminhos furtivos e mentirosos” (NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*).

Por mais que haja distinções entre esses autores citados, para eles “não há política sem corpo”. Vemos que a política é instaurada tendo como imagem um corpo que é uma unidade, principalmente de vontade consciente. As metáforas de corpo político indicam a busca de uma coesão social orgânica.

Se a sociedade é lugar de circulação de interesses e afetos, a política, deveria, para alguns, ser a expressão dos desejos e sentimentos, dos interesses daqueles que fazem parte desse corpo, a política portanto é também um regime de afetos. Segundo essa perspectiva, a política é, antes de mais nada, um embate a respeito do que os afetos trazem em seu interior. O momento em que o sujeito é afetado representa uma maneira socialmente constituída da sensibilidade. Uma posição política implica na adesão a certa forma de vida, a certa historicidade das experiências. A experiência política dos indivíduos na atualidade é feita num corpo social que cria um imaginário de unidade, identidade e estabelece uma certa hierarquia entre indivíduos e instituições. É a ideia de uma sociedade que forma um corpo político e transfere para esse corpo as funções vitais do corpo vivo.

Essa situação, entendida por alguns como um novo materialismo, compreenderia um ethos orientado a propor a matéria como aquela que possui capacidade de agência, subvertendo o esquema homem-mundo estabelecido pelo pensamento newtoniano-cartesiano. A materialidade é sempre algo mais que "mera "matéria: é uma força, uma vitalidade e que rompe com o significado convencional que os agentes sejam exclusivamente humanos que possuem habilidades cognitivas, intencionalidade e liberdade para tomar decisões autônomas e, portanto, com a presunção de que os seres humanos têm o direito e a capacidade de dominar a natureza.

Sabemos que nossa percepção e interpretação do campo semântico e de imagens que chegam até nós ocorre em um dado momento histórico e o que a determina não é uma estrutura profunda, uma base econômica ou uma maneira de ver o mundo, “mas o funcionamento de uma assembleia coletiva de partes díspares em uma única superfície social” e nela existem combinações de forças mais ou menos poderosas, através das quais as capacidades de um observador são possíveis.

Este volume da Revista Parallaxe traz 7(sete) artigos que foram apresentados no Colóquio. Os textos *A filosofia da imagem de si, do corpo social e político em Montaigne, Um ator, cidadão das Luzes, As contribuições de Voltaire para o Século das Luzes, Algumas considerações sobre a origem do mal na filosofia de Jean-Jacques Rousseau,* foram produzidos por alunos e pesquisadores ligados ao núcleo do Grupo de Pesquisa que se dedica aos estudos de filosofia política moderna. E os textos *Da Enciclopédia à Encyclopaedea Acephalica, Do nu na pintura à pintura nua, e Performance de um corpo ao avesso* foram produzidos pelos alunos e pesquisadores do núcleo ligado à Estética e Filosofia da Arte.

Além desses textos apresentados no Colóquio, trazemos as contribuições que foram submetidas à revista: os textos *Máscara e verdade no mundo desencantado, Linguagem e diálogo em Água viva, Christopher Isherwood por meio de Paul Veyne,* e as traduções *Um ensaio sobre o uso e as vantagens das Belas-Artes e Fragmentos.*

Boas leituras!

Sônia Campaner Miguel Ferrari  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.*

**Editora**